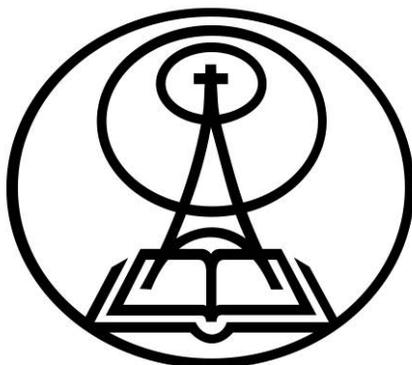


THOMAS ICE

JESUS E O FIM DOS TEMPOS

UMA INTERPRETAÇÃO DE MATEUS 24 E 25

Esta é uma amostra
Compre este livro em nosso site



<http://loja.chamada.com.br>

JESUS E O FIM DOS TEMPOS

- UMA INTERPRETAÇÃO DE MATEUS 24 E 25 -

Thomas Ice

Traduzido do original em inglês:

An Interpretation of Matthew 24-25

Tradução: Jamil Abdalla Filho

Revisão: Sérgio Homeni, Ione Haake,
Célia Korzanowski, Arthur Reinke

Edição: Arthur Reinke

Capa: Tobias Steiger, Roberto Reinke

Diagramação: Roberto Reinke

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada SBB (ARA),
exceto quando indicado em contrário: Nova Versão Internacional (NVI), Almeida
Corrigida e Revisada Fiel (ACF), ou Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2012 Actual Edições

R. Erechim, 978 – B. Nonoai

90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil

Fone (51) 3241-5050 – Fax: (51) 3249-7385

www.Chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO (CIP)

I15j Ice, Thomas
Jesus e o fim dos tempos : uma interpretação de Mateus 24 e 25
/ Thomas Ice ; tradução, Jamil Abdalla Filho. – Porto Alegre :
Actual Edições, c2012.
256 p. ; 15x22 cm.

Tradução de: An interpretation of Matthew 24-25.
ISBN 978-85-7720-071-9

1. Religião. 2. Profecias. 3. Bíblia. 4. Mateus. 5. Evangelho de
Mateus. I. Abdalla Filho, Jamil. III. Título.

CDU 226.2

CDD 226.2

(Bibliotecária responsável: Nádia Tanaka – CRB 10/855)

Índice

1. Uma Interpretação de Mateus 24 e 25	7
2. O Mal-Entendido dos Discípulos.....	13
3. O Literalismo Preterista	19
4. O Ponto de Vista do Período Interadventos	25
5. Não Se Deixem Enganar	31
6. Falsos Messias	39
7. Ainda Não é o Fim	45
8. Fomes e Terremotos	53
9. Direcionada Para os Judeus.....	61
10. O Ódio aos Crentes Judeus.....	69
11. A Multiplicação da Iniquidade	75
12. O Evangelho do Reino.....	81
13. A Abominação da Desolação	89
14. A Ordem Para Fugir.....	95
15. A Tribulação	101
16. O Historicismo	107
17. A Abrevação Daqueles Dias	113
18. “Eis Aqui o Cristo!”	119
19. Cuidado Com o Lugar Onde Você Procura.....	125
20. De Âmbito Mundial, Não Local	131
21. Cadáveres e Abutres	139
22. O Sol, a Lua e as Estrelas	145
23. O Escurecimento do Sol.....	153
24. A Poesia Hebraica	159
25. Os Poderes dos Céus.....	165
26. O Sinal do Filho do Homem.....	171
27. Um Sinal Que Não Dá Sinal?	177
28. Um Ajuntamento Executado Por Anjos.....	183
29. O Ponto de Vista Pós-Tribulacionista	189
30. A Unidade Das Parábolas.....	195

JESUS E O FIM DOS TEMPOS

31. A Perspectiva Preterista.....	201
32. Céu e Terra Passarão	209
33. Ninguém Sabe	215
34. Um Será Tomado	221
35. Vigiai	227
36. “Quem é o Servo Fiel e Prudente”?	233
37. A Parábola das Dez Virgens	239
38. A Parábola dos Talentos	245
39. A Volta Gloriosa de Cristo e o Julgamento	251

Uma Interpretação de Mateus 24 e 25

O discurso do Monte das Oliveiras, proferido por Jesus imediatamente antes de Sua crucificação, é a passagem profética isolada mais importante de toda a Bíblia. É relevante porque procedeu dos lábios de Jesus, logo depois que Ele foi rejeitado por Seu povo, e porque proporciona um esboço magistral dos acontecimentos que ocorrerão no fim dos tempos. – Dr. Tim LaHaye¹

O discurso do Monte das Oliveiras é um texto fundamental para qualquer pessoa que deseje desenvolver seu ponto de vista da profecia bíblica. Esse discurso se compõe do ensinamento do Senhor Jesus sobre a profecia bíblica, registrado em Mateus 24 e 25, Marcos 13 e Lucas 21. Uma vez que a interpretação do discurso do Monte das Oliveiras exerce tanta influência a ponto de determinar se uma pessoa é pré-milenista ou amilenista, se é futurista ou preterista, se é pré-tribulacionista ou pós-tribulacionista, procurarei, nesta obra, apresentar uma interpretação exaustiva dos capítulos 24 e 25 de Mateus.

A conjuntura do discurso de Cristo

Pelo menos no caso do Evangelho de Mateus, a conjuntura do discurso do Monte das Oliveiras se verifica nos acontecimentos que antecederam o capítulo 24. Cristo se apresentara à nação de Israel como seu Messias, mas eles O rejeitaram. Tanto o povo quanto os líderes da nação O rejeitaram. Por conseguinte, Jesus os repreende e desmascara

tanto a hipocrisia quanto a incredulidade deles, segundo está escrito em Mateus 22 e 23. Jesus menciona que aquela geração de líderes judeus era semelhante às gerações anteriores que mataram os profetas (23.29-36). Depois disso, Jesus fez a seguinte declaração aos líderes judeus: *“Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração”* (23.36). Que coisas seriam essas? Seria o juízo calamitoso que viria sobre o povo judeu por intermédio do exército romano no ano 70 d.C. O Dr. Stanley Toussaint comenta: *“Foi-se toda a esperança de uma volta de Israel para Deus em arrependimento. Ao Rei não restava outra alternativa senão a de rejeitar aquela nação até o tempo planejado por Deus para restaurar o Reino a Israel. Constata-se o anúncio de tal decisão nesses versículos do Evangelho de Mateus”*.²

Apesar de o povo judeu merecer o juízo que se aproximava, Jesus Cristo, à semelhança de um pai carinhoso prestes a aplicar uma disciplina justa, clamou, dizendo: *“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!”* (23.37). Jesus deseja reunir o Seu povo (como Ele, de fato, os reunirá; cf. 24.31), mas, em vez disso, Ele os dispersaria por meio do juízo que lhes sobreviria no ano 70 d.C. (Lc 21.24).

Então Jesus declarou no versículo 38: *“Eis que a vossa casa vos ficará deserta!”*. A que “casa” o texto se refere? No contexto dessa passagem, só pode se referir ao templo judeu. O texto de Mateus 24.1-2 menciona um debate entre Jesus e Seus discípulos a respeito do templo. Foi nessa hora que Jesus os surpreendeu ao dizer: *“Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada”* (Mt 24.2). O que Jesus diz em Mateus 23.38 que ficaria deserto, é descrito com mais exatidão em 24.2; ambos os versículos se referem à mesma realidade – o templo.

Em seguida, Cristo afirma: *“Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!”* (23.39). Esse versículo não apenas transmite a certeza de um juízo que se aproximava, mas também menciona a promessa final de esperança e bênção vindoura para a nação judaica. Alfred Edersheim, um filho do remanescente atual de Israel, faz o seguinte comentário sobre essa passagem bíblica:

Ao contemplar em redor aquelas construções do Templo, Ele assegurou que aquela Casa lhes ficaria deserta! Então, saiu dos pátios do Templo, declarando que o povo de Israel não O veria novamente até que, passada a noite da incredulidade deles, os judeus Lhe dessem as boas-vindas na Sua volta, com um “Hosana” melhor do aquele que bra-

daram três dias antes, quando O saudaram na Sua entrada triunfal em Jerusalém. Assim foi a “despedida” e a “partida” do Messias de Israel, na ocasião em que deixou Israel e seu Templo. Contudo, tratava-se de uma despedida que prometia um regresso; uma partida que no futuro implicava as boas-vindas dadas por um povo crente a um Rei gracioso e compassivo.³

Portanto, esse versículo não somente se refere ao juízo que certamente viria no ano 70 d.C., mas também prediz um tempo futuro de redenção para Israel, por apresentar o vocábulo “até” que sinaliza uma expectativa vindoura. O texto de Lucas 21.24 registra outro uso que o Senhor fez da palavra “até”, ao mencionar que *“Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”*. O Dr. Arnold Fruchtenbaum, um judeu crente em Cristo e catedrático na Bíblia, baseia-se em Mateus 23.39 para afirmar que uma das condições para a Segunda Vinda de Cristo é a de que Israel clame ao Senhor para que os salve.⁴ O Dr. Fruchtenbaum explica:

Então Ele declara que eles não O veriam mais até que viessem a dizer: *“Bendito o que vem em nome do Senhor!”*. Essa é uma saudação messiânica. Significa que eles receberão a Jesus como seu Messias.

Nesse caso, Jesus só voltaria à Terra quando os judeus e os líderes de Israel rogassem que Ele volte. Pois assim como os líderes judeus induziram a nação a rejeitar a condição messiânica de Jesus, assim também eles, um dia, devem levar a nação a reconhecer Jesus como seu Messias.⁵

O Dr. David Cooper ecoa a concepção do Dr. Fruchtenbaum ao dizer: *“Uma vez que Jesus veio em nome do Senhor e que Ele não voltará enquanto Israel não disser “Bendito o que vem em nome do Senhor”, é evidente que o povo de Israel ainda há de contemplar e reconhecer que Jesus é o seu autêntico Messias”*.⁶ Os últimos versículos do capítulo 23 de Mateus denotam que o juízo estava por vir num futuro próximo, porém, depois desse juízo, tanto livramento quanto redenção estão previstos para a nação judaica. O juízo realmente se abateu no ano 70 d.C., mas Mateus faz menção da redenção de Israel que ainda se cumpriria.

O contexto histórico do discurso de Cristo

O texto de Mateus 24.1-3 nos proporciona o contexto no qual Cristo profere Seu sermão profético. Nesses versículos constatamos

que Jesus estava no trajeto do templo (cf., 24.1) para o Monte das Oliveiras (cf., 24.3), dando a entender que Ele provavelmente estivesse passando pelo vale do ribeiro de Cedrom para subir o Monte das Oliveiras. No momento em que Ele se retirava do templo, “...se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo” (24.1). Essa frase nos leva a crer que os discípulos estivessem conversando com Jesus sobre a magnitude da beleza do complexo do templo, o qual Herodes ainda estava reformando e remodelando. Tal ênfase se confirma nas referências bíblicas correlatas de Marcos 13.1-2 e Lucas 21.5-6, quando os discípulos se referiram à beleza das construções do templo. O Senhor deve ter assustado Seus discípulos com esta resposta que lhes deu, diante da admiração mundana que eles manifestaram ao contemplarem as construções do complexo do templo: “*Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada*” (Mt 24.2).

A partir do encerramento de Mateus 24.2 com essa afirmação de Cristo, a seqüência da narrativa sofre uma interrupção e só é retomada em 24.3, no ponto em que diz: “...quando se aproximaram dele os discípulos, em particular...”. O texto de Marcos 13.3 nos informa que esses discípulos que O procuraram em particular eram Pedro, Tiago, João e André, bem como esclarece que eles estavam assentados no Monte das Oliveiras de frente para o Templo. Seria a mesma vista panorâmica que muitos dos que, atualmente, visitam a cidade de Jerusalém podem obter a partir do mirante situado no Monte das Oliveiras, onde se contempla do alto o monte do templo com o Domo da Rocha nele encaixado.

O fato de os discípulos se aproximarem de Cristo em particular se encaixa com a prática padrão de Jesus, registrada por Mateus, de ensinar somente os discípulos que nEle criam, uma vez que no capítulo 12 encontra-se a evidência de que a nação judaica O rejeitou como o Messias que lhes fora prometido. A partir do capítulo 13, Jesus se dirige publicamente à nação que O rejeitara usando somente parábolas (Mt 13.10-17). “*Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem*” (Mt 13.13). Contudo, Ele, muitas vezes, explicaria em particular aos Seus discípulos o significado de uma parábola que proferira publicamente (por exemplo, Mt 13.10-23). No discurso do Monte das Oliveiras, podemos observar que Cristo seguiu tal padrão. Essa explicação em particular, que é o próprio discurso do Monte das Oliveiras, revela que Cristo apresentaria Sua explanação acerca da história futura, em favor dos crentes.

As perguntas dos discípulos

Enquanto Jesus estava assentado no Monte das Oliveiras, aqueles quatro discípulos Lhe fizeram as seguintes perguntas: “...*Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século*” (24.3). Levanta-se, imediatamente, a discussão de se eram duas ou três as perguntas por eles feitas. Se alguém opta pela primeira hipótese, terá de convir que a segunda pergunta se compõe de duas partes. Eu particularmente creio que há duas perguntas básicas nesse versículo, em virtude da gramática do texto original, como explicou o Dr. Craig Blomberg:

A expressão “...*e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século*” numa tradução mais literal da frase grega seria: *o sinal da tua vinda e consumação do século*. Ao não repetir o artigo “a” antes de “consumação do século”, Mateus registra as palavras de Jesus fazendo uma junção da volta de Cristo com a consumação do século, como um único acontecimento (a regra de Granville Sharp).⁷

Isso significa que as duas frases estavam intimamente relacionadas na mente daqueles discípulos que formularam a pergunta. Eles criam que ambas estavam estreitamente ligadas.

A primeira pergunta está claramente relacionada com a destruição do templo, o que se cumpriu na ocasião da invasão romana e destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Também fica claro que os dois aspectos da segunda pergunta ainda tinham de ocorrer na história, apesar de alguns quererem enxergar nesse texto a Segunda Vinda de Cristo (mais por causa da influência dos erros do preterismo, conforme explicarei no prosseguimento dessa passagem).

Parece-me que os discípulos provavelmente acreditavam que todos os três aspectos se cumpririam por ocasião do mesmo acontecimento – a vinda do Messias. Por que eles pensariam dessa forma? O Dr. Toussaint está correto em sua observação de que os discípulos estavam influenciados pelos escritos do profeta Zacarias:

Em suas mentes eles tinham concebido esta seqüência cronológica de acontecimentos proféticos: 1) A partida do Rei; 2) decorrido um período de tempo, aconteceria a destruição da cidade de Jerusalém; 3) e, logo depois da assolção de Jerusalém, ocorreria a aparição do Messias. Eles tinham um bom embasamento nas Escrituras para pensarem dessa forma, já que o texto de Zacarias 14.1-2 descreve a devastação de Jerusalém. No seguimento dessa mesma passagem, o

profeta descreve a vinda do Senhor para aniquilar as nações que guerrearem contra Jerusalém (Zc 14.3-8). Depois disso, será estabelecido o reino de mil anos (Zc 14.9-11).⁸

Em outras palavras, os discípulos pensavam que todos os três acontecimentos estavam relacionados com um único evento – a volta do Messias – conforme indica o texto de Zacarias 14.4. Como constatamos, eles estavam certos ao considerarem a instrução sobre a volta do Messias, apresentada nos capítulos 12 a 14 do livro de Zacarias. Porém, os discípulos se equivocaram ao relacionarem o juízo iminente que estava por vir sobre Jerusalém e o Templo, com a volta do Messias, conforme pretendo demonstrar nas próximas etapas desta série de estudos. Maranata!

NOTAS

- ¹ Tim LaHaye e Thomas Ice, *Charting the End Times: A Visual Guide to Understanding Bible Prophecy*, Eugene, OR: Harvest House, 2001, p. 35.
- ² Stanley D. Toussaint, *Behold The King: A Study of Matthew*, Portland: Multnomah Press, 1980, p. 264-65.
- ³ Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 vols., Grand Rapids: Eerdmans, 1974 (1883), vol. II, p. 414.
- ⁴ Arnold Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, San Antonio, Ariel Press, 1982, p. 212-15.
- ⁵ Fruchtenbaum, *The Footsteps*, p. 215.
- ⁶ David L. Cooper, *Messiah: His Final Call to Israel*, Los Angeles: Biblical Research Society, 1962, p. 47.
- ⁷ Craig L. Blomberg, “*Mathew*”, vol. 22, publicado no *The New American Commentary*, Nashville: Broadman Press, 1992, p. 353, nota de rodapé nº 37.
- ⁸ Toussaint, *Behold The King*, p. 269.

A indagação dos discípulos, mencionada em Mateus 24.3, se divide em duas partes. A primeira pergunta se refere à destruição do templo, fato esse que se deu no ano 70 d.C. A segunda pergunta, composta de duas partes relacionadas entre si, diz respeito a fatos que ainda estão por acontecer. Ao que parece, os discípulos pensavam que todos estes três acontecimentos – a destruição do templo, o sinal da vinda de Cristo e a consumação do século – ocorreriam ao mesmo tempo. Contudo, essa não é a verdade dos fatos.

O Mal-Entendido dos Discípulos

Era muito comum Jesus corrigir os mal-entendidos dos discípulos, equívocos esses que geralmente reproduziam a crença popular de sua época.¹ O Dr. J. Dwight Pentecost nos diz o seguinte:

As perguntas demonstravam que eles tinham chegado a algumas conclusões [...] Para aqueles homens, as palavras de Cristo acerca da destruição de Jerusalém referiam-se àquilo que profetizara Zacarias ao predizer que a devastação da cidade antecederia o advento do Messias. Na escatologia judaica, identificavam-se duas eras: a primeira corresponde à era presente, a era na qual Israel aguarda a vinda do Messias; a segunda é a era vindoura, a era na qual todas as alianças que Deus fez com Israel se cumpriram e Israel desfrutaria das bênçãos que lhe foram prometidas em virtude da chegada do Messias.²

O Dr. Stanley Toussaint reflete esse mesmo conceito:

Essa seqüência de acontecimentos já estava tão cristalizada na mentalidade popular que Lucas registra somente a pergunta concernente à destruição de Jerusalém (Lucas 21.7). Ou seja, os discípulos trataram a destruição de Jerusalém como uma realidade absolutamente escatológica. Por isso é que Lucas registra apenas essa pergunta, como se a destruição de Jerusalém fosse um indicador da vinda do Rei para reinar. Bruce está correto ao declarar que “os discípulos inquiridores tomaram por certo que todas estas três situações aconteceriam ao mesmo tempo: a destruição do templo, o advento do Filho do Homem e o fim do presente século”^{3,4}

Embora os discípulos tenham juntado esses acontecimentos num único evento, Cristo não os relacionou a um único período de tempo. Na realidade, Mateus e Marcos não tratam da destruição de Jerusalém quando relatam o discurso do Monte das Oliveiras. Ambos deram ênfase aos dias da futura tribulação que precederá a volta de Cristo. Somente o registro de Lucas apresenta o tratamento dado por Cristo a esse assunto (Lc 21.25-36). Por alguma razão, Mateus e Marcos se concentram exclusivamente na resposta a esta última pergunta: “...*que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século*”.

A primeira pergunta

A primeira pergunta que foi feita pelos discípulos é a seguinte: “*Dize-nos quando sucederão estas coisas...[?]*” (Mt 24.3). Uma vez que Cristo dissertara acerca do templo e de uma época em que “...*não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada*” (Mt 24.2), está mais do que evidente que Jesus predizia a destruição do templo imposta pelos romanos no ano 70 d.C., quando assolaram Jerusalém. Durante Seu ministério, Jesus, anteriormente, já tinha predito a destruição da cidade de Jerusalém e do templo.

Jesus tinha acabado de dizer a Israel: “*Eis que a vossa casa [i.e., o templo] vos ficará deserta*” (Mt 23.38). Lucas, à semelhança de Mateus 23.37-39, menciona outra predição de juízo que sobreviria a Israel, proferida logo depois que Jesus chorou em lamento pela cidade de Jerusalém (Lucas 19.41). Essa profecia foi declarada após a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, naquele “Domingo de Ramos”, e se explica pelo fato de Israel rejeitar a Jesus como seu Messias (Lucas 19.42). Em Lucas 19.43-44, Jesus profetizou o seguinte:

“*Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti*”

pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação”.

Podemos descobrir muitas coisas a partir dessa profecia. Em primeiro lugar, a expressão “*teus inimigos*” incontestavelmente se refere aos romanos que destruíram a cidade em 70 d.C. Em segundo lugar, a expressão “*...te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco*” é uma nítida descrição do cerco usado pelo exército romano para derrotar Jerusalém. Em terceiro lugar, o sítio romano resultou na completa destruição da cidade e na morte de todos os que dentro dela se encontravam. Em tempos de guerra, se há pessoas que geralmente são poupadas do extermínio, são as crianças; mas, no caso de Jerusalém, a esmagadora maioria delas foi morta. Em quarto lugar, as mesmas palavras de Cristo relatadas em Mateus 24.2, foram usadas anteriormente por Ele nessa passagem de Lucas, quando afirmou: “*...não deixarão em ti pedra sobre pedra...*”. Em quinto lugar, a razão da destruição de Jerusalém pelas mãos dos romanos é “*...porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação*”.

O cumprimento da primeira pergunta

Já que não tratarei especificamente da narrativa feita por Lucas do discurso do Monte das Oliveiras ao longo de minha exposição, examinarei, agora, o texto de Lucas 21.20-24, pelo fato de mencionar a profecia que responde à primeira pergunta feita por aqueles discípulos. Essa passagem bíblica declara o seguinte:

*“Quando, porém, virdes **Jerusalém sitiada de exércitos**, sabeis que **está próxima a sua devastação**. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Porque **estes dias são de vingança**, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! **Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles**” (Lucas 21.20-24).*

No que diz respeito ao discurso do Monte das Oliveiras, preteristas e futuristas discordam de opinião na maioria das questões. Porém, no caso da interpretação de Lucas 21.20-24, nós, futuristas, concordamos com os preteristas de que se tratava de uma profecia referente ao juízo que estava por vir e que se cumpriu no ano 70 d.C. O Dr. Kenneth Gentry, um intérprete preterista das Escrituras, afirma: “O contexto de Lucas requer uma Jerusalém literal (Lc 21.20), sitiada por exércitos

literais (Lc 21.20), e que se localizava numa Judéia literal (Lc 21.21) – fatos esses que, por registro histórico incontestável, se deram imediatamente antes do ocorrido no ano 70 d.C.”⁵ Contudo, ao comentarem o texto de Lucas 21.25-28, os preteristas recorrem a doses maciças de interpretação *simbólica* [i.e., alegórica] na sua tentativa de achar um cumprimento desses versículos ainda no primeiro século d.C. Já os futuristas não precisam fazer tais adaptações e mantêm uma interpretação *normal* ou literal desse texto. Creio que esse texto de Lucas 21.25-28 seja uma profecia concisa que estabelece um paralelo com Mateus 24 e Marcos 13, conforme explicarei mais adiante.

A passagem de Lucas 21.20-24 comprova que os preteristas interpretam a profecia de maneira literal quando tal postura apóia seu ponto de vista. Todavia, se uma interpretação literal da passagem induz a um ponto de vista não-preterista, os preteristas passam a alegorizá-la. Por outro lado, os futuristas têm condições de interpretar literalmente todas as partes do discurso do Monte das Oliveiras e toda a profecia bíblica.

É evidente que Lucas 21.20-24 retrata a invasão romana de Jerusalém que se deu no primeiro século. Observe acima, na citação do referido texto, o destaque em *itálico* que dei às frases indicadoras de um cumprimento literal dessa profecia no ano 70 d.C. A passagem repetidamente faz referência ao juízo e ira que sobreviriam ao povo judeu e à sua santa cidade, tal como Cristo profetizara em Mateus 24.2 e em outros textos que aludi anteriormente. Entretanto, quando se faz uma pesquisa em Mateus 24 e em Marcos 13, percebe-se a ausência dessa terminologia. Em vez de “...*grande aflição na terra e ira contra este povo...*”, o capítulo 24 de Mateus menciona o livramento do povo judeu que estaria em grande angústia (Mt 24.29-31).

Diferenças entre o Templo do ano 70 d.C. e um futuro Templo

Os preteristas gostam de abusar do texto de Lucas 21.20-24, para dizer que tudo o que se encontra em Mateus 24 se referia à conquista romana em 70 d.C. O Dr. Randall Price observou seis diferenças marcantes entre o templo do ano 70 d.C. e o templo do período da Tribulação futura, mencionado em Mateus 24.

Nessa ocasião Jesus faz alusão a um acontecimento sinalizador relacionado com o Templo, a saber, sua profanação desoladora causada por um abominável que fora predito pelo profeta Daniel (Mateus 24.15; Marcos 13.14). A que Templo Jesus se refere nesse texto? Porventura o Templo que seria profanado era o mesmo Templo que viria a ser des-

truído? Nessa passagem existem várias diferenças indicadoras de que Jesus se referia a *dois* Templos *distintos*:

1. O texto não diz que o Templo mencionado em Mateus 24.15 seria destruído, apenas declara que seria profanado (veja, Apocalipse 11.2). Em contrapartida, o Templo da época de Jesus (cf., Mateus 24.2) devia ser totalmente arrasado: “...*não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada*” (Mateus 24.2; Marcos 13.2; Lucas 19.44).
2. A profanação do Templo seria um sinal para que os judeus escapassem da destruição (Mateus 24.22), fossem salvos (Mateus 24.22) e experimentassem a “redenção” que lhes fora prometida (Lucas 21.28). Em contrapartida, a destruição do Templo aludido em Mateus 24.2 seria um castigo “...*porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação* [i.e., a primeira vinda do Messias]” (Lucas 19.44b), de modo que o Templo seria arrasado, bem como “...*aos teus filhos* [i.e., os judeus] *dentro de ti*” (Lucas 19.44a).
3. A geração de Judeus que estaria viva na ocasião em que o Templo fosse profanado, contemplaria a vinda do Messias “*logo em seguida à tribulação daqueles dias...*” (Mateus 24.29). Conforme Jesus predisse, tal geração não passará sem que tudo isso se cumpra (Mateus 24.34). Em contrapartida, a geração de Judeus que estava para ver a destruição do Templo morreria e já se passaram (até agora) dois mil anos sem a redenção prometida.
4. O texto sobre a profanação do Templo a que Jesus faz alusão, Daniel 9.27, prediz que o próprio assolador desse Templo será destruído. Em contrapartida, aqueles que destruíram o Templo no ano 70 d.C. (em cumprimento do que Jesus predissera) – o imperador romano Vespasiano e seu filho Tito – não foram aniquilados; ao invés disso, retornaram a Roma em triunfo, exibindo os utensílios despojados do Templo destruído.
5. No momento “...*logo em seguida...*” (Mateus 24.29) à profanação do Templo, se veria o arrependimento de Israel (Mateus 24.30), seguido da restauração do Templo, segundo sugere Mateus 23.29. Em contrapartida, o período posterior à destruição do Templo só presenciou um “*endurecimento*” que sobreveio “*a Israel*” e que durará “...*até que haja entrado a plenitude dos gentios*” (Romanos 11.25) – decorridos 2.000 anos até esta data e a contagem continua.
6. Quanto ao Templo que será profanado, a conjuntura é de uma tribulação de proporções globais, que sobrevirá “...*ao mundo*” (Lucas 21.26; compare com Mateus 24.21-22; e Marcos 13.19-20), de um reagrupamento mundial do povo judeu “...*de uma a outra*

extremidade dos céus” (Mateus 24.31; Marcos 13.27) e de uma aparição universal do Messias no exato momento de livrar Israel (Mateus 24.30-31; Marcos 13.26; Lucas 21.26-27). Tal conjuntura está de acordo com o contexto da batalha do final dos tempos pelo controle de Jerusalém, predita nos capítulos 12–14 de Zacarias, na qual “...*contra ela, se ajuntarão todas as nações da terra*” (Zacarias 12.3). Em contrapartida, a profecia de Lucas 21.20 acerca da investida contra Jerusalém, previa que a cidade seria atacada por exércitos de um único império (i.e., Roma), como, de fato, ocorreu no ano 70 d.C. Portanto, se há dois distintos ataques contra Jerusalém, separados por um período de mais de 2.000 anos, deve-se, então, admitir que os textos de Mateus 24.1-2 e Mateus 24.15 fazem alusão a dois Templos diferentes.⁶

As considerações acima demonstram que as incoerências da interpretação preterista não podem ser solucionadas pela sua tentativa de meter à força as profecias de cumprimento ainda futuro dentro de um molde de cumprimento passado. Os detalhes do capítulo 24 de Mateus não podem ser encaixados dentro de uma estrutura de cumprimento profético no primeiro século. Maranata!

NOTAS

- ¹ Veja as seguintes passagens bíblicas que exemplificam a atitude de Cristo em corrigir as crenças errôneas dos discípulos: Mateus 5–7; 9.1-8; 12.1-8,46-50; 13.10-23; 15.1-20; 16.13-26; 17.1-9; 18.1-6,21-35; 19.3-12,13-15,27-30; 20.20-28; 21.33-46.
- ² J. Dwight Pentecost, *The Words and Works of Jesus Christ: A Study of the Life of Christ*, Grand Rapids: Zondervan, 1981, p. 398.
- ³ Alexander Balmain Bruce, “The Synoptic Gospels”, publicado na obra *The Expositor’s Greek Testament*, 5 vols., W. Robertson Nicoll, org., Grand Rapids, Eerdmans, 1976, vol. I, p. 289.
- ⁴ Stanley D. Toussaint, *Behold The King: A Study of Matthew*, Portland: Multnomah Press, 1980, p. 269-70.
- ⁵ Kenneth L. Gentry Jr., *Before Jerusalem Fell: Dating the Book of Revelation*, Tyler, Texas: Institute for Christian Economics, 1989, p. 176.
- ⁶ Randall Price, *Jerusalem in Prophecy: God’s Stage for the Final Drama*, Eugene, OR: Harvest House, 1998, p. 251-55.

Ao continuar a análise das perguntas feitas pelos discípulos na ocasião do discurso do Monte das Oliveiras (Mt 24–25; Mc 13; Lc 21), gostaria de examinar mais detalhadamente a primeira pergunta. Após observar o templo, Cristo disse aos discípulos: “...*Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada*” (Mt 24.2). Então os discípulos perguntaram a Jesus: “*Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?*” (Mt 24.3). Nesse caso, a primeira pergunta se refere à destruição do templo no ano 70 d.C.

O Literalismo Preterista

O Dr. Kenneth Gentry, um preterista, declara o seguinte: “O contexto de Lucas requer uma Jerusalém literal (Lc 21.20), sitiada por exércitos literais (Lc 21.20), e que se localizava numa Judéia literal (Lc 21.21) – fatos esses que, por registro histórico incontestável, se deram imediatamente antes do ocorrido no ano 70 d.C.”.¹ Isso comprova que os preteristas interpretam as Escrituras literalmente até o momento em que tal interpretação contradiga as pressuposições de seu sistema teológico. Então, eles apresentam um significado mais flexível e espiritualizado [i.e., alegórico] para o texto. Todavia, já que tanto preteristas quanto futuristas, como eu, crêem que o texto de Lucas 21.20-24 se refira à Jerusalém do ano 70 d.C., isso pode ser usado como um exemplo da maneira pela qual as Escrituras fazem alusão à destruição de Jerusalém ocorrida no século I.

A profecia de Cristo referente ao ano 70 d.C.

Antes de considerarmos a passagem de Lucas 21.20-24, examinarei as profecias que Jesus enunciou especificamente sobre a destruição de Jerusalém e do templo, cumpridas literalmente no primeiro século. Observe predições feitas por Cristo:

“Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta” (Mt 23.36-38; veja tbém Lc 13.34-35).

“Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação” (Lc 19.41-44).

Nesta predição, Cristo faz nítida referência à destruição de Jerusalém e do templo. Jesus descreve claramente um cerco nos versículos 43 e 44, porque, como Ele mesmo disse da nação de Israel, “...não reconheceste a oportunidade da tua visitação”. Eles haviam rejeitado a Jesus como seu Messias. Note que, nem por uma vez, Jesus descreve esse fato na condição de um “juízo vindouro”, como fazem os preteristas.² Na verdade, o termo “virá” não é usado em nenhuma dessas profecias referentes ao ano 70 d.C., como foi usado nas profecias que dizem respeito à volta de Cristo no futuro.

Lucas 21.20-24 e o ano 70 d.C.

Ao considerarmos as palavras usadas por Jesus na profecia sobre a destruição de Jerusalém e do segundo templo, percebemos que Sua terminologia denota com muita clareza aquilo que os romanos fizeram no ano 70 d.C.

“Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque

JESUS E O FIM DOS TEMPOS

- UMA INTERPRETAÇÃO DE MATEUS 24 E 25 -

Segundo o autor, “o discurso do Monte das Oliveiras, proferido por Jesus imediatamente antes de Sua crucificação, é a passagem profética isolada mais importante de toda a Bíblia. É relevante, porque procedeu dos lábios de Jesus logo depois que Ele foi rejeitado por Seu povo e porque proporciona um esboço magistral dos acontecimentos que ocorrerão no fim dos tempos”.

A obra é uma análise feita com profundidade e riqueza de detalhes das palavras de Jesus, contendo esclarecimentos sobre os fatos cujo desdobramento já podemos identificar nos dias atuais. Isso nos enche de esperança, ao mesmo tempo em que somos exortados a vigiar “...porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor” (Mt 24.42).

Thomas Ice é diretor-executivo do Pré-Trib Research Center (Centro de Pesquisas Pré-Tribulacionistas) e professor de teologia na Liberty University. Ele é Th.M. pelo Seminário Teológico de Dallas e Ph.D. pelo Seminário Teológico Tyndale. Editor da Bíblia de Estudo Profética e autor de aproximadamente 30 livros. Thomas Ice é também renomado conferencista. Ele e sua esposa Janice vivem com os três filhos em Lynchburg, Virgínia (EUA).



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

ISBN 978-85-7720-071-9



9 788577 200719